

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 22 — VOL. II.

Sabbado 29 de Maio de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Cordova — O amor vence tudo, continuação — Scenas do deserto — Obituario — Casa de campo da grã-duqueza Estephania, em Nice.

GRAVURAS — Cordova — Scenas do deserto, o abrigo do meio dia — O café — Casa de campo da grã-duqueza Estephania de Baden, em Nice — Casamentos por conveniencia.

## Historia da actualidade.

No dia 18 do corrente, ás onze horas e quarenta e oito minutos da manhã, as salvas do castello e fortalezas, e embarcações surtas no Tejo, annunciaram que n'esse feliz momento, Sua Magestade a Rainha D. Estephania pisava terra portugueza.

Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Pedro V, e D. Fernando II, e os Serenissimos Senhores Infantes e Infantas, haviam-se dirigido a bordo da fragata real *Bartholomeu Dias*, acompanhados de todas as mais pessoas da cõrte, que é uso assistirem a Suas Magestades n'estas solemnidades, para receberem Sua Magestade a Rainha no bergantim real que a devia transportar a terra.

Era innumero o povo que se apinhara na Praça do Commercio, e ruas do transitio por onde tinha de seguir o cortejo real.

Todas as janellas estavam vistosamente adornadas de senhoras e cavalheiros que desejavam presenciar este acto; e as galerias levantadas sob as arcadas da Praça do Commercio, assim como as que ladeavam o pavilhão ahi erguido para a recepção real, as janellas das varias repartições tambem ali estabelecidas, e até os torreões e telhados, apresentavam pittoresca vista pelo variado matiz dos trajes das senhoras.

No rio não era menos surprehendente o panorama que apresentavam as embarcações de todas as classes, fazendo alas e seguindo a galeota real, até ao ponto do desembarque.

Tudo se ataviara de festa, e a alegria radiava em

todos os rostos, presagio feliz para uma Soberana, que tão auspiciosamente era recebida pelo povo sobre o qual vinha reinar.

Esta alegria foi plenamente correspondida pelo sorriso gracioso e prazenteiro com que a benevolenta Rainha acolhia estas puras e sinceras homenagens.

Para deixarmos consignada a historia d'este venturoso dia, cumpre-nos estampar aqui o discurso que a camara municipal de Lisboa dirigiu a Sua Magestade El-Rei, no momento de apresentar á nova Soberana as chaves da cidade, como se determinara no programma, e a resposta que Sua Magestade se dignou dar a esta felicitação.

Estes discursos são os seguintes:

«SENHOR! N'este dia de tanto jubilo para Vossa Magestade, e para toda a nação portugueza, a camara municipal da sempre heroica e leal cidade de Lisboa cumpre, cheia do mais vivo contentamento, um religioso e grato dever apresentando, em nome dos habitantes da capital, perante o throno de Vossa Magestade, as suas affectuosas e cordeas felicitações pela chegada da augusta esposa de Vossa Magestade e nossa adorada Rainha.

«Este ditoso consorcio, que o Deus dos reis e dos povos vae hoje abençoar, é para Vossa Magestade aurora de merecidas felicidades, e de esperançoso futuro para todos os portuguezes.

«Aurora de felicidades, porque abrilhantando a corôa de Vossa Magestade, n'elle achará tambem Vossa Magestade consolação e allivio para as arduas fadigas da magistratura real.

«Aurora de esperançoso futuro para os portuguezes, porque na regia descendencia de Vossa Magestade vemos já continuar-se a augusta dynastia, inseparavel da constituição do estado, e penhor das nossas liberdades.

«Seja pois bem vinda a excelsa Rainha, que, dentro de seus muros, a capital do reino vae receber triumphante; e nós, os eleitos do povo, temos n'este momento a honra de entregar a Vossa Magestade as chaves da cidade, para cujos habitantes é fortuna incomensuravel o testemunhar a gloria e felicidades de Vossas Magestades.»

Sua Magestade El-Rei dignou-se responder:

«Os breves annos do meu reinado poderiam definir-se demasiada experiencia para quem não pode aproveitar-se ainda d'ella toda. Não foram felizes.

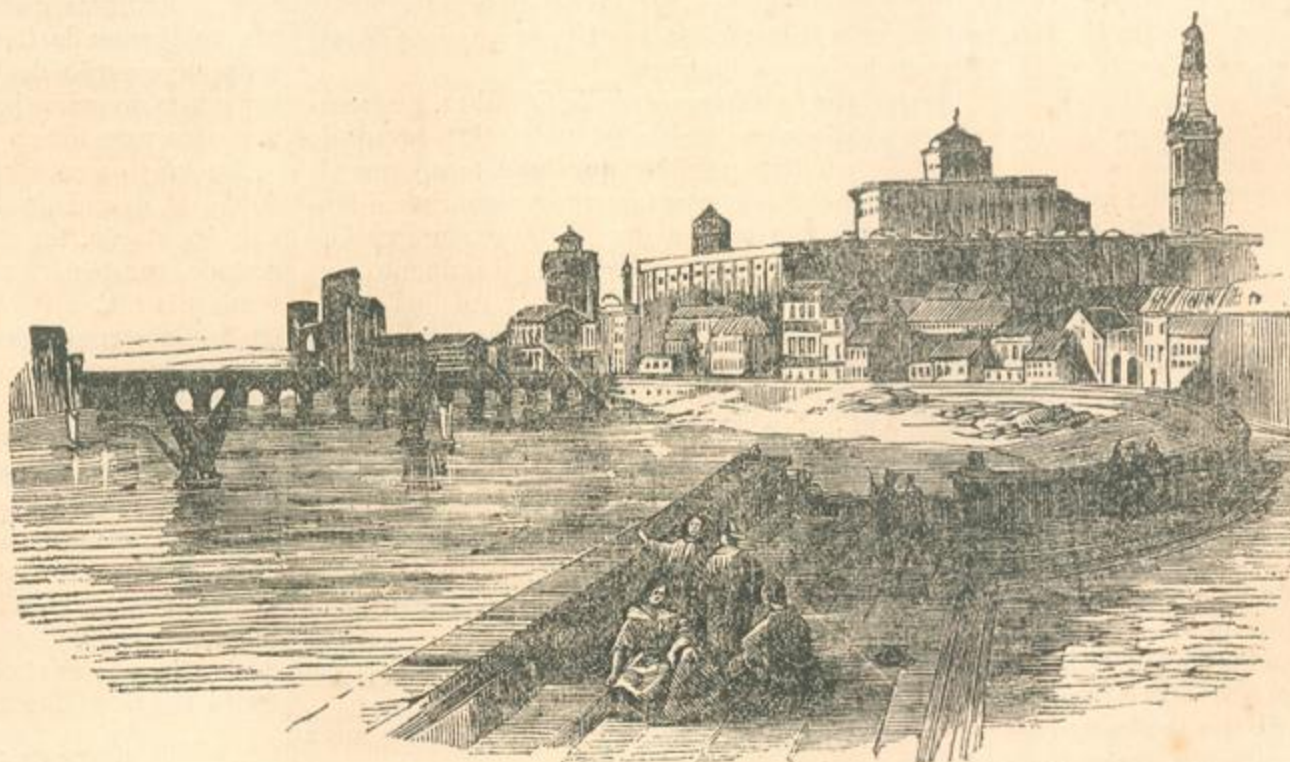
«Se no mal, porém, ha um bem, trazem consigo os infortunios o fazer sentir uma impressão desconhecida e indelivel na primeira alegria que quebra a cadeia de males.

«A cidade que ha mezes a morte despovoava, esconde hoje as lagrimas que ha pouco ainda orvalhavam a saudade e o cypreste. Seria este para mim e para a Rainha o mais claro testemunho de que não passa desapercibido para o povo de Lisboa um acontecimento que consubstancia o nosso porvir.

«A camara municipal de Lisboa, interprete dos sentimentos do povo que representa, agradeço do coração as palavras que acaba de consagrar-nos.

«A Rainha pede-me que assegure a camara da sua viva gratidão; e permite-me que cite as singelas e sentidas palavras que ainda ha pouco me escrevia: «Tua querida mãe deixou-nos um exemplo de grandes virtudes, que terei sempre diante dos olhos, e que forcejarei por imitar. Tenho a esperanza de que ella abençoará a nossa união, como se ainda nos fosse dada a fortuna de possuil a na terra.»

Terminado este ceremonial da etiqueta official, o cortejo seguiu para o templo de S. Domingos, onde devia ter lugar a ratificação do consorcio, e as bênçãos matrimoniaes. Compunham



Cordova — Gravura de Vidal Senior.

parte do mesmo cortejo, e rompiam a sua marcha quasi duzentas carruagens, conduzindo os altos funcionarios e a corte.

Muitas das janellas por onde o cortejo passava estavam adornadas com riquissimas colchas, e variadas armações; e grande foi tambem o numero de damas que lançaram flores sobre os regios conjuges.

Era uma hora e vinte minutos da tarde, quando Suas Magestades chegaram ao templo de S. Domingos, e ás tres horas estava concluida a cerimonia religiosa, na qual tomaram parte, além do senhor patriarcha de Lisboa, mais seis bispos.

A festividade musical da igreja foi como era de esperar esplendida, tomando parte n'ella setenta e dois instrumentistas e sessenta vozes.

À saída do templo de S. Domingos uma parte do cortejo foi dispensada de seguir até ao palacio das Necessidades, dirigindo-se para ali unicamente os onze coches da casa real, com a respectiva guarda de honra de cavallaria, e a tropa de linha que fizera alas nas ruas do transitio.

As cinco horas da tarde regressaram as tropas a quartéis, tendo terminado o desfile pelo frente do palacio real, nas janellas do qual Suas Magestades e Altezas receberam as continencias.

N'esta noite, e nas seguintes foi innumero o concurso de povo a gosar das variadas illuminações com que a cidade festejou este feliz acontecimento; e além das publicas, que já enumerámos, havia outras particulares de lindo effeito.

Entre estas sobresafam as da casa Jourdain & Companhia, madame Aline, casa Firmin, ao Chiado; a do palacio dos senhores duques de Palmella, ao Calhariz; a do palacio do ministro inglez, a Buenos-Ayres; e a do ex-mordomo de Sua Magestade Imperial a Senhora Duqueza de Bragança, ás Janellas Verdes. Esta ultima era no gosto alemão, tendo nos transparentes das janellas, em vidros de côres dos que se usam em enfeites dos lustres, a cifra real com a respectiva corôa, e o voto: «*Deus abençoe os reaes esposos.*»

N'este dia, e nos seguintes percorreram as ruas varias danças populares, distinguindo-se entre todas a que pertencia ao regimento d'infanteria n.º 7.

A illuminação do Terreiro do Paço não produziu na primeira noite o effeito que se esperava, por causa do vento; mas nas seguintes esteve brilhante. Na praça de D. Pedro esteve sempre esplendida a do theatro de D. Maria II, que tinha desenhada a linhas continuas de luz toda a sua magestosa fachada, arremeçando em frente do seu perystilo grandes focos de gaz, que saíam dos quatro candelabros ali assentados, e que n'estas noites, em vez de lampêdes, tinham palmas de luz. Em frente do theatro correspondia a vistosa illuminação da assemblea do Arco do Bandeira, que em todas as noites apresentou variedade.

No dia seguinte, 19, andaram Suas Magestades, em carro descoberto, pela cidade, e foram visitar Sua Magestade Imperial a Senhora Duqueza de Bragança, que por incommodo de saude não pudera assistir na vespera ao festejo do desembarque, e Sua Alteza a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, que havia assistido áquella solemnidade, assim como á cerimonia da igreja.

N'esta noite foram Suas Magestades ao theatro de D. Maria II, onde calorosamente foram victoriados. Suas Magestades não se demoraram no theatro além das onze horas da noite, que foi quando se recolheram a palacio.

No dia 20, teve lugar o beijamão no palacio de Belem. Aqui advertiremos que esta antiga solemnidade foi n'este acto abolida, seguindo-se para o diante n'esta cerimonia a recepção como se usa nas côrtes estrangeiras.

Não ha memoria ha muito tempo de funcção no paço tão concorrida. As damas apresentaram-se no rigoroso traje de corte. A recepção começou ás duas horas da tarde, e concluiu ás cinco. Uma banda de quatrocentos musicos tocava nos jardins, durante a solemnidade, sob a direcção do senhor Santos Pinto, que varias peças ensaiou para este dia.

N'esta occasião tiveram logar as seguintes felicitações, a que Sua Magestade El-Rei se dignou responder pela forma que igualmente transcrevemos.

## CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

SENHOR! Um dos mais fervorosos votos da nação portugueza está satisfeito.

Ao lado de Vossa Magestade vemos no throno real a excelsa Rainha, consorte escolhida por Vossa Magestade, e já adorada de todos os portuguezes.

No seu augusto semblante imprimiu o Omnipotente a formosura e bondade dos anjos para completar a felicidade de Vossa Magestade, recompensando d'este modo não só as regias qualidades que adornam o coração magnânimo de Vossa Magestade, mas tambem as exemplares virtudes dos seus augustos progenitores, o senhor D. Fernando, a quem todos os portuguezes consagramos bem merecida gratidão, e a immortal Rainha a senhora D. Maria II, que do ceo abençoa esta ditosa união.

A camara municipal de Lisboa, que teve o incomparavel privilegio de receber a Rainha Fidelissima a senhora D. ESTEPHANIA na sua entrada em Portugal, exulta de jubilo n'esta festa nacional, e tem a honra de apresentar a Vossas Magestades em nome de todo o municipio as suas cordeas e unanimes felicitações.

## RESPOSTA DE SUA MAGESTADE.

A camara municipal repete hoje as felicitações que me dirigiu no momento em que a Rainha pisou a terra, que ella se desvanecede de dizer sua. Nem esse dia, nem os testemunhos de affecto, que o povo de Lisboa nos deu, poderão jámais esquecer-nos.

A Rainha e eu renovamos os nossos agradecimentos á camara municipal.

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

SENHOR! Os professores da universidade de Coimbra, não podendo em tão solemne e jubilosa conjuntura apparecer reunidos todos em corporação ante Vossa Magestade, como desejavam fervorosamente, incumbiram esta deputação, cujos membros se presam e jactam de pertencer uns, e de haver pertencido outros áquella insigne academia, de virem, em seu nome, submissa e respeitosa depositar na regia mão de Vossa Magestade a carta, que o claustro pleno da universidade tem a honra de dirigir a Vossa Magestade por occasião do seu real consorcio.

A universidade, Senhor, no meio da geral alegria, de que trasbordam os corações de todos os portuguezes, exulta de prazer e jubilo, tendo, como na verdade tem, o enlace conjugal de Vossa Magestade por um acontecimento faustissimo, e verdadeiramente nacional, d'onde espera, e confiadamente se promette, venham a brotar copiosas vantagens publicas, que por extremo redundem em credito e felicidade do glorioso reinado de Vossa Magestade. Tão bella e lisonjeira esperança funda-se, Senhor, nas mui estremadas virtudes e qualidades egregias, que singularmente enriquecem e ornã a augusta esposa de Vossa Magestade, nossa Rainha.

Assim que, a universidade de Coimbra, que sempre se abalison em dedicação patriótica, levada do grandioso motivo publico, que hoje tanto nos alvoroça e enche de contentamento, e seguindo o louvavel estylo, constantemente praticado em occasiões taes, com todo respeito e profundo acatamento vem manifestar a Vossa Magestade os acrisolados sentimentos, de que se acha possuida, de fidelidade e amor para com Vossa Magestade, a parte que toma em tamanha ventura publica, e as graças que por ella rende ao Altissimo.

Digne-se pois Vossa Magestade acolher com benevolencia e agrato a sincera manifestação da universidade, e permittir, que em seu nome, a deputação, que escolheu, beije a regia mão de Vossa Magestade. — *Manuel*, patriarcha de Lisboa.

## RESPOSTA DE SUA MAGESTADE.

Os progressos na civilização alargam entre nós a esphera do ensino superior.

A applicação separou-se, sem se desligar, da

theoria pura, e novas escolas vieram fazer concorrência ás aulas da universidade de Coimbra.

O que era necessidade para o paiz é ao mesmo tempo um principio de emulação entre escolas que não podem ter outra rivalidade senão o ardor no preenchimento dos fins, diversos entre si, que ellas se propõem.

As nossas escolas não são de mais ao pé da universidade, nem a universidade, respeitavel pela antiguidade e pelos serviços, podia sentir quebrar-se-lhe o vigor ao ver-se reproduzida. Fôra caso unico que a mãe pudesse ter inveja aos filhos.

Peço-vos que assegureis em meu nome á universidade do interesse que tomo pelo seu engrandecimento. Sêde ao mesmo tempo, perante ella, os interpretes dos sentimentos da minha gratidão pelas congratulações, de que lhe inspirou o pensamento a união que constitue a minha melhor fortuna.

## ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

SENHOR! Os lentes da escola medico-cirurgica de Lisboa veem comprimentar a Vossa Magestade pelo faustissimo consorcio celebrado com Sua Magestade a Serenissima Princeza D. ESTEPHANIA HENZOLLERN SIGMARINGEN.

A ratificação d'este acto solemne, que os habitantes de Lisboa acabam de presenciar cheios de jubilo e entusiasmo, porque lhes assegura a perpetuidade das virtudes domesticas e politicas que caracterizam a actual familia real portugueza, é mais uma prova do quanto Vossa Magestade se desvela em promover a felicidade d'esta nação fidelissima.

O ceo permitta que os elevados fins de Vossa Magestade se realizem, e que Vossa Magestade encontre em tão augusta e esperançosa consorte aquella felicidade, que por tantos titulos lhe é devida, e todo o povo portuguez lhe deseja.

Taes são, Senhor, os sentimentos do presidente e corpo cathedratico da escola medico-cirurgica de Lisboa.

## RESPOSTA DE SUA MAGESTADE.

Agradeço cordealmente á escola medico-cirurgica de Lisboa as expressões, que pelo intermedio do seu director me dirige pelo motivo do meu consorcio.

Confio que o ceo acolherá os seus votos pela felicidade da Rainha, e pela minha que d'ella é inseparavel.

Não careço de assegurar de minha consideração a escola medico-cirurgica, que tão sensivelmente contribuiu para o melhoramento do ensino das sciencias pathologicas em Portugal. Não ha muito tempo ainda que os seus filhos provaram que a sciencia não exclue o valor.

## CABIDO DA SÉ DO PORTO.

SENHOR! O consorcio de Vossa Magestade com a excelsa Princeza que a Providencia Divina collocou no throno da Casa de Bragança, junto do magnânimo coração de Vossa Magestade, é um acontecimento do maior jubilo e das mais lisonjeiras esperanças para toda a nação portugueza!

Associa-lo a estes sentimentos nacionaes, o cabido da sé da cidade do Porto vem, pelo orgão de uma deputação, ter a honra de felicitar a Vossa Magestade por tão feliz e venturosa alliança, ligada como ella está á felicidade domestica dos dois augustissimos conjuges, á protecção regia da igreja portugueza, e á consolidação dos foros e liberdades publicas.

Digne-se, pois, Vossa Magestade acceitar, com a sua innata benevolencia, as homenagens de respeito e profundo acatamento do cabido da sé do Porto, não menos que os votos que elle com illimitada dedicação faz incessantemente pelas prosperidades de Vossa Magestade, e da Rainha sua augusta esposa, e pelas de toda a real familia. — *Domingos do Nascimento Pinto da Fonseca* — *Carlos Bernardo da Fonseca Moniz*.

## RESPOSTA DE SUA MAGESTADE.

Comprazo-me em ouvir á deputação do cabido

da Sé do Porto a expressão dos sentimentos d'aquella corporação pela minha união com uma Princeza, cujas virtudes retratam na terra aquella que o ceo premiou.

## ACADEMICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

SENHOR! Aos academicos da universidade de Coimbra era moralmente impossivel o deixar de vir patentear seus sentimentos n'este ensejo em que um anjo de paz vem aformosentar o sólio portuguez.

Filhos da universidade que, como os que nos vão adiante, hemos de exercer alguns dos primeiros cargos politicos, muitos administrativos, e todos os judiciaes; que hemos de levar com a theologia crença ao vacillante, com a medicina lenitivo ao enfermo, com a philosophia subsidio ao manufactor, com a mathematica impulso á viação, com o direito justiça a todos, e com todos os progressos das sciencias das letras a luz e a vida da civilização futura; não deviamos quedar silenciosos ao presumir asseguradas, por este fausto consorcio, as instituições progressivamente liberaes do nosso paiz.

Como portuguezes, orgulhando-nos com os mais illustres apóstolos e martyres da liberdade que defenderemos sempre, viemos a prestar homenagem ao Chefe constitucional do estado: como academicos, ennobrecendo-nos com os primeiros nomes da nossa historia litteraria e scientifica, determinounos o desejo de render preito aos dotes litterarios e subida intelligencia do real protector da universidade.

Sentimentos dignos de homens livres e de cultores das sciencias foram os unicos — e nem podiam ser outros — que nos guiaram caminho perante o throno.

Receba, pois, Vossa Magestade com toda a real familia, n'este dia de jubilo, os espontaneos votos da academia coimbricense que augura com o reinado de Vossa Magestade — aberta a mão a perniciosas lides das armas — os mais prosperos dias da gloria, das letras, e da liberdade portuguezas. — Antonio Ayres de Gouvêa — Francisco Joaquim de Sá Camello Lampreia — Antonio d'Oliveira Silva Gaio — Manuel Nunes Braamcamp Freire — Antonio Alberto da Rocha Páris.

## RESPOSTA DE SUA MageSTADE.

Agradeço-vos as felicitações que, em nome dos academicos da universidade de Coimbra, acabaes de me dirigir a mim e á Rainha. São sinceras, porque conheço a mocidade mais inclinada a censurar que a adular.

Não esperei de vós senão a linguagem de homens livres, que vos presaes de fallar. Sentis a vida: appellaes para o futuro, e quereis porventura que o tempo corresse como vos corre o pensamento. O que ainda hoje é sentimento — sentimento de educação ou de harmonia — illusão em parte ainda, e crença que desponta por entre as aspirações que deixamos partidas na nossa peregrinação — convertel-o-hão o tempo e os desenganos em convicções.

Ides entrar na idade de restituir á patria o que ella vos deu pela escola. Actores ou espectadores participareis mais ou menos da gerencia dos negocios publicos, com a acção, com o conselho, com o voto.

Permitti um conselho a quem trabalhou como vós todos, a quem pede hoje á familia um descanso, e um conforto para esse trabalho.

Não vos esqueça na vida publica a sciencia; não esqueças pela sciencia a sociedade. Obrigae a regra a conceder ao acaso o quinhão que elle sabe conquistar nas coisas humanas, e não desprezeis a regra quando contardes com o acaso.

Ha dois crimes para os quaes não se legisla, o isolamento e a ignorancia — o despotismo da theoria, e o despotismo da pratica.

## ALUMNOS DA ESCOLA POLYTECHNICA.

SENHOR! Os alumnos da escola polytechnica, a qual tem merecido a particular protecção de Vossa

Magestade, faltariam ao dever do respeito e da gratidão, se n'esta occasião memoravel não juntassem a expressão dos seus votos ás felicitações de todo o paiz pelo auspicioso consorcio do Monarcha, amante das sciencias e do progresso.

A escola polytechnica é filha do espirito liberal, quando elle começou a desinvolver-se na criação dos monumentos da nova era. Não podia a obra da civilização deixar de encontrar sympathia e favor no animo esclarecido de Vossa Magestade, que de um modo tão solemne tem demonstrado comprehender a indole do seculo, e amar os fructos das novas instituições.

Os filhos d'esta escola, que tem recebido de Vossa Magestade, com o incentivo do exemplo, o do conselho e o da benevolencia, acostumaram-se a ver no Rei estudioso e liberal o modelo que lhes excita os animos no arduo desempenho das suas tarefas. Esta confraternidade de aspirações torna grato e aprasivel o dever do respeito. Como offrenda d'esse puro sentimento, veem hoje os alumnos da escola polytechnica depor perante o throno de Vossa Magestade os seus sinceros votos, para que o hymeneo recompense com os laços, que podem fazer a maior ventura do homem as virtudes do monarcha.

## RESPOSTA DE SUA MageSTADE.

Com a nossa organização social o funcionarismo publico é chamado a representar um papel importante na vida publica.

E' o que constitue, em parte, a necessidade dos aperfeiçoamentos no ensino professional. E' o pensamento que concebeu a criação da escola polytechnica, e que lhe tem merecido da minha parte a attenção pela qual se mostram reconhecidos os seus alumnos.

Pagam hoje ao homem os empenhos contrahidos para com o soberano.

Dizei aos vossos condiscipulos quanto apreciamos Eu e a Rainha as palavras que traduzem essas intenções.

## ALUMNOS DA ESCOLA DO EXERCITO.

SENHOR! Entre as felicitações que hoje hão de ser depostas nos degraus do augusto solio de Vossa Magestade, entenderam os alumnos da escola do exercito, que devia apparecer uma sua, a qual não podendo ornar-se com as galas brilhantes da eloquencia, fosse pelo menos a expressão exacta, ainda que singela dos seus sentimentos.

Senhor, o estudo das sciencias, e o tracto das armas, tarefas, que actualmente nos incumbem na obra immensa da sociedade, não fazem com que deixemos de observar a marcha progressiva das idéas; se não podemos ainda tomar uma parte activa na cruzada da civilização, observamos contudo o seu caminhar incessante: se, envolvidos por ora nas lides do estudo, não podemos tomar lugar entre esses luctadores infatigaveis, que pretendem arrancar a nossa patria do lethargo, em que por algum tempo esteve, para a collocar na posição que lhe pertence na civilização europaea, não podemos deixar de sentir, que o reinado de Vossa Magestade abriu uma epoca brilhante para Portugal, e que foi desde a sua inauguração, que o nosso reino electrizado pelo exemplo do seu Monarcha, começou a comprehender que um povo não vive só do passado, que não basta apontar constantemente para os feitos gloriosos dos Gamas e dos Albuquerque, e que para se elevar á altura que lhe compete, tem de substituir as conquistas intellectuaes, ás conquistas dos imperios, e a arena da civilização ás fortalezas da India.

Assim, hoje que antevemos no ditoso consorcio de Vossa Magestade a continuação da obra, tão brilhantemente começada, não só nos regosijamos por tão fausto acontecimento; mas tambem acreditamos, que Vossa Magestade nos dá assim uma nova garantia da sua sollicitude pela felicidade do seu povo; cujas bases assentam principalmente na civilização; e o reinado de Vossa Magestade hade vir narrado com admiração pela historia, como a epoca que em Portugal realisou as generosas aspirações d'este seculo.

E agora, Senhor, não se julgue pelo que disse-

mos, que as letras devem ceder ás armas, ou estas áquellas; o exercito de uma nação illustrada não é o representante da força bruta; n'este seculo ha intima ligação entre as letras e as armas, e na cruzada do progresso devem haver logares para todos, sem preferencias injustas ou menos merecidas.

Vossa Magestade, Senhor, é o primeiro a proclamar esta grande verdade, e egualmente o tem sido a dar-nos o exemplo; vémol-o á frente da grande idéa. «Civilisar pela instrucção, pelo amor, pelo talento e pela liberdade» e permitta-nos Vossa Magestade, que o digamos sem lisonja, que é o primeiro a dar-nos o exemplo do trabalho, e que sempre o vemos no centro d'esse globo luminoso da civilização, cuja atmosphera, expandindo-se em todas as direcções, irradia uma luz pura e firme.

No acontecimento, porque hoje felicitamos a Vossa Magestade, está escripta a continuação d'essa grande obra, e é essa a razão, porque nós vimos cheios de esperanza e fé exultar diante do throno de Vossa Magestade, e o dever de assim o praticarmos é para nós tão grato, que só pode equilibrar o direito que a Vossa Magestade assiste de exigir o nosso respeito e a nossa gratidão. — José Cabral Gordilho de Oliveira Miranda, alferes de infantaria n.º 4 — Vicente Luiz Corrêa da Mesquita Pimentel, alferes alumno do 1.º regimento de artilharia. — José do Sacramento de Azevedo e Silva, alferes alumno do 1.º regimento de artilharia. — Francisco Montez Champalnaud, porta bandeira de infantaria n.º 13. — Manuel Joaquim Pinheiro das Chagas, 1.º sargento aspirante a official do regimento de infantaria n.º 16.

## RESPOSTA DE SUA MageSTADE.

Não esquecerei a felicitação com que os alumnos da escola do exercito me testemunham a parte que tomam em um acontecimento que realisarã com a protecção divina a minha ventura domestica.

Pela parte que lhe toca nas vossas palavras, pede-me a Rainha que vos assegure do seu reconhecimento. Identificada do coração com os interesses da patria que adoptou, ella folgará como eu, se o vosso aproveitamento corresponder aos desejos que exprimis de ser uteis á patria. A espada separa-se hoje difficilmente da penna, e os loiros não desmerecem se os murchar a oliveira.

À noite Suas Magestades honraram o theatro de S. Carlos, cuja sala estava brilhantemente ornada, pelo mesmo gosto da de D. Maria II, só com pequena differença n'algumas decorações. A real familia foi, como na vespera, calorosamente victoriada.

No dia 21 teve lugar de tarde, no Campo Pequeno, a parada dos corpos da guarnição da capital, e dos que tinham vindo de fora. Compunha-se a força de 6000 homens de infantaria e artilharia, e 700 cavallos. Esteve vistosa, e os corpos apresentaram-se rivalizando em disciplina e acceio.

Eram cinco horas da tarde quando as brigadas formaram em parada. A concorrência era immensa; e o campo verdadeiramente pequeno para a multidão que affluia. Quando Suas Magestades chegaram passaram revista a toda a linha, e depois os corpos fizeram a continencia segundo o estylo.

À noite deitou-se na esplanada do castello o annuciado fogo de artificio, que não correspondeu ao que se preconizava. Suas Magestades e real familia assistiram a este divertimento das janellas do torreão do ministerio da guerra.

Com estas festividades concluíram as solemnidades do consorcio real.

Do throno baixaram as seguintes graças, que são as que por ora nos constam, em solemnização d'este memoravel consorcio.

Perdão a varios presos por crimes civis.

Amnistia militar por crimes de deserção simples e aggravada.

O titulo de visconde de Porto Covo ao senhor Felix Bernardino da Costa Lobo Bandeira, sobrinho do fallecido conde de Porto Covo.

O titulo de conde de Lumiares ao filho do fallecido conde do mesmo titulo.

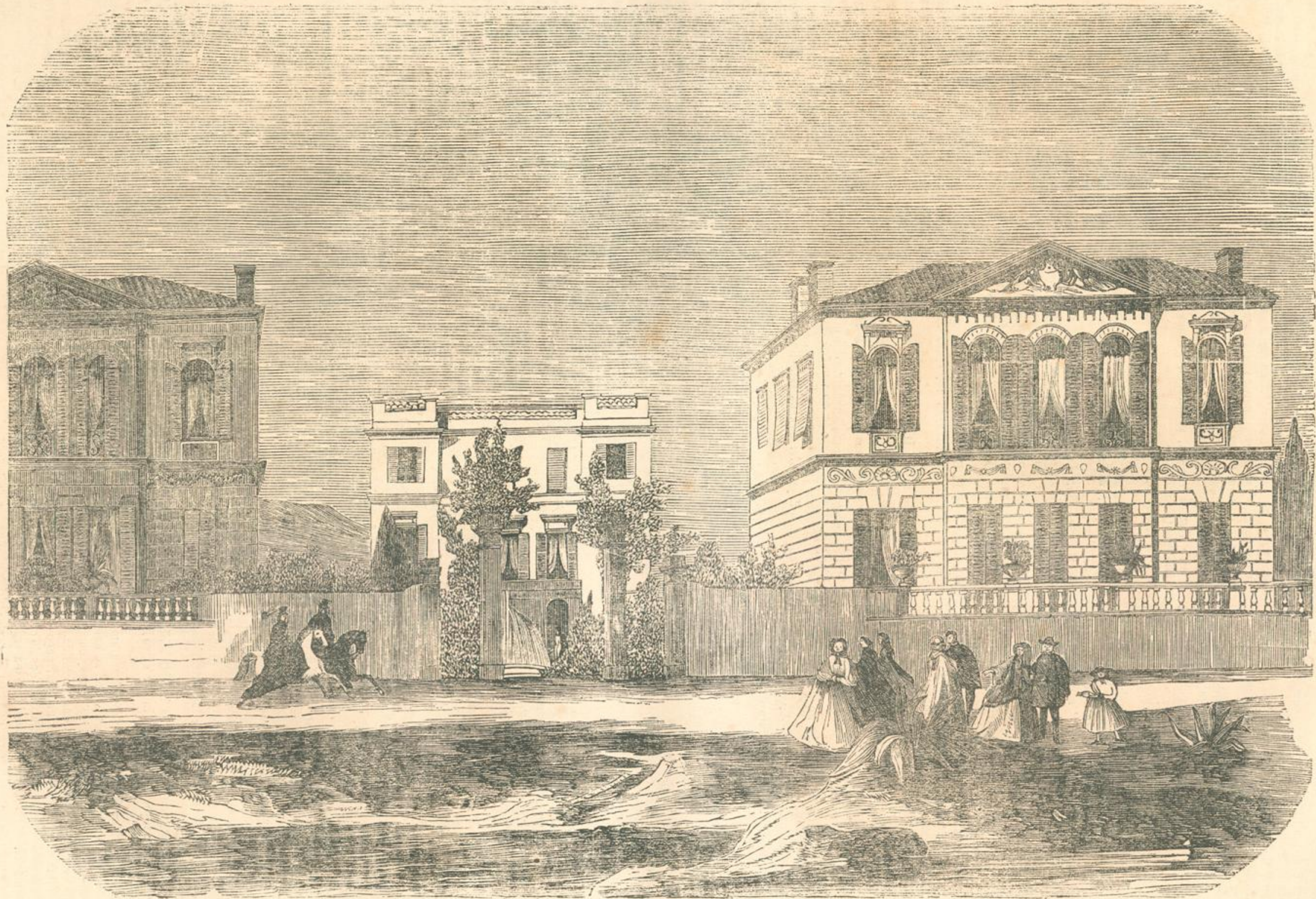
O titulo de marquez de Terena, ao par do reino Luiz Brandão de Mello Cogominho, neto do fallecido marquez de Terena.



Scenas do deserto — O abrigo do meio dia — Gravura de Coelho Junior.



Scenas do deserto — O café — Gravura de Coelho Junior.



Casa de campo da grã-duqueza Estephania de Baden, em Nice — Gravura de Vidal Junior.

Nomeação de capellão-mór da real capella ao eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa.

A mercê de mordomo-mór da casa da Rainha, ao ex.<sup>mo</sup> marquez de Fronteira.

A mercê de gentil-homem da real camara, ao ex.<sup>mo</sup> marquez da Bemposta Suberra.

A mercê das honras de official-mór da casa real ao ex.<sup>mo</sup> conde da Ribeira Grande, primogenito do ex.<sup>mo</sup> marquez do mesmo titulo.

A mercê das honras de officiaes-móres aos ex.<sup>mos</sup> senhores D. Thomaz de Sousa Holstein, e D. Filipe de Sousa Holstein, filhas do fallecido duque de Palmella, D. Pedro.

A mercê das honras de moços fidalgos aos dois filhos do senhor conde das Alcaçovas.

A ex.<sup>ma</sup> senhora duqueza de Saldanha, D. Carlota Smith Benns de Saldanha Oliveira e Daun foi nomeada dama da real ordem de Santa Isabel.

Egual graça se concedeu á ex.<sup>ma</sup> senhora D. Maria de Vasconcellos e Sousa.

O ex.<sup>mo</sup> senhor Joaquim Honorato Ferreira foi agraciado com o titulo de visconde de Santa Isabel.

O senhor barão de Paiva, Francisco José de Paiva Pereira, ministro plenipotenciario em Paris, foi elevado á dignidade de visconde do mesmo titulo.

Agraciado com o titulo de visconde da Lançada, o ex.<sup>mo</sup> senhor Ignacio Julio de Sampaio Pina e Freire, segundo tenente da armada, e filho do fallecido visconde do mesmo titulo.

O senhor marquez de Ficalho foi elevado á dignidade de grã-cruz da ordem de Christo.

O reverendo bispo do Porto, D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, foi elevado á dignidade de grã-cruz da ordem de S. Thiago.

O senhor visconde de Vallongo foi nomeado grã-cruz da ordem de Aviz.

O juiz conselheiro do supremo tribunal de justiça, o senhor Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, foi elevado á dignidade da grã-cruz de ordem de S. Thiago.

O senhor commendador Antonio José Viale recebeu o titulo do conselho de sua magestade.

O mesmo titulo se concedeu ao senhor Bernardino Antonio Gomes, medico da real camara.

Ao senhor Alexandre Herculano de Carvalho foi concedida a commenda da Torre e Espada, assim como ao senhor visconde de Torres Novas governador geral da India, e ao senhor John Fox Bourgoyne, official general do exercito britanico.

Com o grau de commendadores da ordem de Nossa Senhora da Conceição, foram condecorados os senhores Basilio Alberto de Sousa Pinto, lente da universidade, e o conselheiro Weckperlin, director dos dominios de Sua Alteza o Principe de Hohenzollern-Sigmaringen.

Com o grau de commendadores da ordem de Christo foram condecorados oito cavalleiros portuguezes, militares e civis, e mr. Nicolau Francisco Guerin, chefe de esquadra da armada franceza.

Com o grau de commendadores d'Aviz foram condecorados tres officiaes do exercito portuguez, de patente superior.

Nas tres ordens da Conceição, Christo e Aviz, crearam-se vinte cavalleiros de diversas classes e jarchias ecclesiasticas e civis.

No domingo 23, deu-se no paço de Belem um banquete ao corpo diplomatico, sequito de Sua Magestade a Rainha, commandantes dos navios inglezes, lord Bath, ministros, prelados, fidalgos e damas. Principiou pelas sete horas e meia e acabou pelas dez da noite. Para estes convidados houve quatro mesas com cento e cincoenta talheres, a primeira presidida por Suas Magestades, e as outras pelos Senhores Infantes.

Nos jardins estavam collocadas as bandas militares, compostas de quatrocentos e vinte e cinco instrumentos.

Acabado o jantar Suas Magestades dignaram-se fallar com todas as pessoas presentes, que se demoraram nas salas até depois das onze horas, em que a familia real se recolheu ao paço das Necessidades.

Na quinta feira, 27, teve lugar no real paço de Belem, em presenca da cõrte, e notabilidades do corpo diplomatico estrangeiro, a investidura na ordem ingleza da garrotea ou jarreteira, que Sua Magestade a Rainha Victoria conferiu a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro v.

Desde a instituição d'esta ordem, que foi creada

segundo a opinião d'alguns por Ednardo III de Inglaterra, em 1354, a tres fidalgos portuguezes, tres infantes, e cinco monarchas nossos, tinha ella sido conferida até agora.

Os fidalgos foram Alvaro Vaz de Almada. Os versados na historia portugueza sabem que desgostoso este nobre, por varios motivos, da cõrte do mestre d'Aviz, saiu do reino, e se retirou para Inglaterra, onde prestou serviços de tal valia na marinha britanica, que subiu aos mais eminentes postos, e mereceu a honra de ser condecorado com esta ordem.

Pedro Vaz de Almada, seu irmão, e como aquelle igualmente esforcado.

Duarte Brandão, bem nomeado em as nossas chronicas, pelas suas gentilezas de cavallaria.

Os infantes foram D. Pedro, duque de Coimbra.

D. Henrique, o famoso descobridor, duque de Vizeu.

D. Duarte, filho de El-Rei D. João I.

Estes tres reinando em Inglaterra Henrique v.

Dos monarchas foi o primeiro o mestre d'Aviz, já D. João I no throno portuguez, quando casou com a duqueza de Lencastre, princeza real de Inglaterra. Reinava então Henrique v, e quinto chefe da ordem.

O segundo foi El-Rei D. João II, e reinava a esse tempo em Inglaterra Eduardo IV, sexto chefe da ordem.

O seguinte foi El-Rei D. Manuel. Era então nono chefe da ordem Henrique VIII.

Por ultimo El-Rei o Senhor D. João VI, a quem a Inglaterra tanto deveu nos tratados com Portugal, e mais que tudo no poderoso auxilio que prestamos n'essa lucta de morte travada no começo do presente seculo entre a Inglaterra e a França, rivaes então e aliadas hoje. Reinava na Grã-Bretanha Jorge IV.

Os cavalleiros da garrotea, em grande ceremonial, usam manto azul, com a liga da ordem bordada no lado esquerdo.

A liga, tambem de velludo azul, que assim era a da condessa de Salisbury, que deu motivo a esta ordem, é cingida na perna esquerda. Tem por divisa, bordadas a perolas, as palavras: «*Honni soit qui mal y pense*», proferidas pelo rei no baile em que a dita condessa levantou do chão a liga que lhe havia caído; e presa por uma livella oval de diamantes tendo um sol. Antigamente, antes da mudança de religião em Inglaterra, em vez do sol, havia uma cruz vermelha em campo de prata.

Apropriado vem tambem narrar aqui a origem romantica da ordem.

Quando Eduardo III foi socorrer o castello de Salisbury, então sitiado pelo rei da Escocia, ao cabo de fadigas da guerra, fez levantar o cerco, e afugentou o inimigo. Como é de suppor, tudo foram festas para celebrar a victoria, e no baile que por esse motivo se deu, mostrou-se El-Rei mui captivado da condessa. Dançava com ella, e já a cõrte havia notado aquella nascente afeição, quando succedeu desprender-se da perna da condessa a liga azul, e cair no chão, que o monarcha immediatamente apanhou, e beijou. Envergonhada, saiu a condessa da sala, e o monarcha que notou a zombeteria dos cortezaõs disse-lhes encolerizado: «*Honni soit qui mal y pense*— maldito seja quem julgar mal— e depois accrescentou: Tempo virá em que os que ora se riem hão de chorar por não alcançarem uma liga semelhante a esta.»

Assim foi que alguns dias depois instituiu a ordem da jarreteira, sob a protecção de S. Jorge, honra tão brigada quanto é limitado o numero d'aquelles que a obtem.

Esta origem, não está porém em harmonia com o que se lê em graves historiadores.

No dizer d'estes ha tradição anterior a Henrique VI, de que a ordem fõra instituida em obsequio de damas, tendo a rainha e varias de suas damas as honras de cavalleiras, com vestidos e capuzes doados pelos soberanos, com garroteas bordadas ricamente; e que ás cavalleiras se dava o nome de «damas da confraria de S. Jorge.»

Outros dizem que Ricardo I a instituiu depois da conquista de Chypre, e na occasião do cerco de S. João d'Acre, pelos turcos.

No palacio de Windsor estão gravados, na sala do capitulo, em laminas de oiro, os nomes de todos os membros que tem pertencido á ordem; e na ca-

pella do mesmo palacio, dedicada a S. Jorge, estão os estandartes de cada um d'esses cavalleiros, com a seguinte inscripção: *legent hæc nostra nepotes.*

Henrique VIII, que reformou os estatutos, deu aos cavalleiros o collar de que ainda usam. É a venera uma medalha de oiro, representando S. Jorge e o dragão. Suspende-se por fita azul.

Carlos III mudou o traje antigo, que ficou sendo manto de velludo azul, capello de velludo carmesi, barrete com penna de abestruz, meia de seda branca, e a liga como acima já descrevemos.

É por tanto como se vê El-Rei o Senhor D. Pedro V, o decimo segundo membro em Portugal da ordem da jarreteira, garrotea, ou liga, que por todos estes nomes é conhecida.

D'esta vez foi portador da ordem lord Bath, que veio acompanhado de varios officiaes heraldicos, e de um rei d'armas, que é o mesmo que já veio a Portugal em 1823 para a cerimonia da investidura na pessoa d'El-Rei o Senhor D. João VI.

### Cordova.

Cordova é a perola da Andaluzia, é a *terra de Deus*, como os seus naturaes lhe chamam n'aquella doce melodia da lingua hespanica, quando vibra pelas suaves entonações d'uma garganta feminina. Apesar d'estar classificada officialmente como uma sub-capitania do reino de Sevilha, para o cordovez esta cidade é sempre a capital de um imperio.

E de feito ella foi a cidade principal do imperio dos Omniadas, a chave do potente califado dos arabes, a rainha das Hespanhas moiriscas. No decimo seculo, em tempos de Abd-er-Rhman II, o reino de Cordova encerrava em si muitos milhoes de habitantes. Os historiadores arabes affirmam que Cordova se estendia então com os seus arrabaldes por cinco leguas ao longo do Guadalquivir; continha no seu recinto duzentas e doze mil casas, em cujo numero entravam sessenta mil edificios principaes: seiscentas mesquitas; cincoenta hospicios; oitenta escolas publicas; novecentos banhos; oitenta e cinco mil karavenseralhes, ou lojas; e tudo isto cingido por muralhas, na circumferencia de seis leguas. Vinte e um arrabaldes se estendiam em torno da cidade, e calçados como esta, e illuminados por meio de reverberos. N'este recinto gigantesco havia a população de um milhão de habitantes, soldados vencedores do mundo, sabios, philosophos, e medicos. Sobre os seus vicejantes terraços passeava um Almanzor, typo e modelo dos mais esforcados cavalleiros. A sombra das suas laranjeiras o sabio Abenzual dictava as suas maximas: o era sob o seu magnifico portico que o erudito Averrhoes revelava a Europa a esquecida sciencia de Hippocrates. Rainha pelas armas, Cordova reinava tambem pelas sciencias, pelas letras, e pela industria.

Ha opiniões sobre a fundação de Cordova: uns a remontam ao tempo de Tubal-Caim, outros a Hercules ou aos phenicios, outros aos persas, e finalmente alguns a datam do tempo dos romanos, por Marcellus, no anno 595, o que parece mais verosimil. O que é tambem digno de se notar vem a ser, que o conquistador da Andaluzia fez de Cordova o centro do seu dominio por causa da admiravel posição em que está sobre o Guadalquivir, entre Madrid e Cadiz; e além d'isto é distincta em todos os tempos da sua existencia por ser patria de nobres intelligencias, e de almas de rija tempera. Foi patria dos dois Senecas, e de Lucano.

O aspecto da cidade ao descer a serra, cruzada por uma bella e formosa estrada, é de imponente e magestoso effeito. Entrando-se perde-se logo aquella magia que captiva de longe porque todas aquellas torres, que se avistam destacando magestosamente no puro e azulado firmamento, são ruinas, se bem que esplendidas e dignas de respeito pelas suas historicas recordações.

D'um lado do rio ha uma velha ponte terminada por uma muito mais antiga torre moirisca, e da outra parte está uma porta romana, segundo dizem os naturaes, mas que não pode datar d'além de Filipe II, cujo são as armas que n'ella se vêem. Para concordar o facto com a lenda, talvez que fosse edificada primitivamente por Julio Cesar, e restaurada depois pelo monarcha hespanhol. Assim tem Cordova im-

presso o sello de duas grandezas já sumidas na vracidade do tempo, e cada uma das suas magestosas ruínas está ainda hoje fallando latim ou arabe, as linguas d'aquelles povos soberanos.

Entrada a cidade encontram-se n'ella ruas estreitas, tortuosas, becos, casas sem janellas para as ruas, e muros mysteriosos, se bem que cercados de infindos jardins. A sua cathedral era a antiga mesquita, e apesar da devastação que os architectos fizeram no velho edificio para o accommodar ao novo rito, ainda assim conserva muitos vestigios do antigo uso. Ha ahí fontes e laranjeiras, jardins e columnatas, torres e ameias. O interior da cathedral, ou mesquita, é de seiscentos e vinte pés de norte a sul, e de quatrocentos e quarenta pés de este a oeste. Eis como d'ella fallavam, quando mesquita, os chronicos arabes, especialmente o Al-Wardile:

«A mesquita do occidente é mais bella que a do oriente (a de Jerusalem): mede seiscentos pés de comprimento sobre duzentos e cincoenta de largo. Cincoenta e sete naves permitem aos numerosos filhos do propheta virem aqui orar, e aos piedosos peregrinos implorar sua protecção e soccorro. Dezenove portas de bronze dão-lhe accesso pelo lado do meiodia: a porta principal, a do meio, está completamente coberta de laminas de ouro. A noite quatro mil e setecentas lampadas, nas quaes profusamente se queimam o ambar e aloes, enchem o edificio com uma claridade similhante, pelo seu doce fulgor e suavidade de perfumes, á que na habitação dos eleitos do propheta allumiará eternamente o palacio das hours.»

Já se vê por esta medição, que grande modificação soffreu pelos novos architectos.

Esta maravilha occidental foi começada por Abd-er-Rhaman I, em 770, e acabada por seu filho o califa Hichem, em 793. Hoje tem muitas capellas, que passam por ser de gosto mediocre, e um bello côro, bem como excellente pulpito. O quadrado de quarenta pés que servia para o muphti rezar as suas orações serve actualmente de sacristia. A igreja christã foi levantada no centro da principal nave da mesquita.

Tambem merece em Cordova especial menção o seu alcaçar, de que os chronistas moiros fallam com tanta vangloria, e que actualmente é ruínas. Este palacio foi edificado no anno de 780 tambem por Abd-er-Rhaman. Em 1493 foi habitação real de Fernando de Aragão; e depois cedido por Carlos V ao santo officio. A parte que existe não era comtudo n'aquelles longinquos tempos proximos á sua fundação mais do que uma dependencia do Azzahra, *flor da belleza* em lingua arabe, nome de uma favorita de Abd-er-Rhaman III, o palacio sem rival, que tambem comprehendia outra mesquita; uma casa de moeda; quartéis; o pavilhão do califa, graciosa construcção sustentado em columnas de marmore com capiteis de ouro cinzelado, e tectos incrustados de ouro e preciosa pedraria; e finalmente jardins de myrtos, loireiros, oliveiras e laranjeiras, perfumando com o seu olor os banhos de marmore e de porphyro, onde á sombra d'aquellas arvores se banhavam as mulheres do califa.

De tanta magnificencia só resta hoje uma torre em ruínas.

O amor vence tudo.

Continuação.

III.

Doze dias se tinham passado depois do baile. Uma doença grave de que foi atacada sua madrinha obrigou a marquezia a conservar-se em casa, afastando-a durante este tempo das reuniões e do theatro onde costumava encontrar Henrique. Doze dias, portanto, se tinham passado sem o ver e sem lhe fallar. As saudades eram grandes, mas distrahiam-na d'ellas os cuidados que tinha por sua madrinha, a quem estimava como se fosse mãe.

Leonor era de uma familia de antiga nobreza. Seu pae, seguindo com enthusiasmo as idéas liberaes, quando pela primeira vez se proclamaram em Portugal, levantou contra si os odios de sua familia que toda defendia, com o ardor proprio do seu sangue, a politica contraria. Emigrando depois, fez parte do exercito libertador onde a sua cora-

gem lhe ganhou um nome glorioso e a reputação de distincto general. Voltando com a liberdade ao seu paiz, casou-se com uma senhora, antiga afeição sua, e cujo amor se lhe conservava fiel durante a ausencia no exilio. A sua união porém foi infeliz como o amor que lhe tinha sido origem. O coração que por muito tempo tinha senti-lo as saudades do exilado e do amante, saudades para as quaes só brilham as consolações da esperança, pouco gosou de ver suas esperanças realisadas; bem depressa teve de chorar a morte d'aquella por quem tudo tinha soffrido. O general curvou-se resignado áquella nova dôr, porque só dôres e tristezas tinha sido o seu fatal amor. A filha que lhe ficava, penhor querido que perpetuava a memoria da mãe que tanto amara, serviu-lhe de consolação.

O destino tinha marcado que o homem para quem tinha sido generoso em lhe conceder honras e gloria, fosse desherdado dos prazeres e da ventura do coração. Uma doença, adquirida nos campos de batalha, deu-lhe a morte ainda no vigor dos annos, deixando sua filha n'uma idade em que não podia sequer conservar memoria das feições de seu pae. O general, antes de morrer, conhecendo que nada podia esperar de seus parentes, recommendara sua filha aos cuidados da condessa de Val de Murta madrinha d'ella, e que tinha sido de sua mãe uma amiga dedicada e extremosa.

Leonor não herdou de seu pae senão o titulo. Fortuna não a tinha ganho o general que fôra sempre um modelo de honra, e a que devia herdar de sua familia sacrificou-a ás suas opiniões.

A marquezia, que perdeu seus paes n'uma idade em que não podia conservar memoria d'elles, nunca sentiu esta falta. Sua madrinha serviu-lhe em tudo de mãe.

A condessa de Val de Murta era, como disse-mos, uma senhora de antiga aristocracia e de grande fortuna. Nunca se casara, e reunia toda a sua afeição em sua afilhada, a quem queria mais do que a seus parentes que antigas desintelligencias conservavam afastados d'ella. Leonor correspondia-lhe com equal affecto. Costumada de pequena aos carinhos e cuidados da condessa, julgava ser ella a sua familia; crescendo no meio da riqueza nunca pensou até certa epoca que d'aquella riqueza nada lhe pertencia; quando pela primeira vez o conheceu sua madrinha lhe disse que tudo herdaria como se realmente fosse sua filha unica.

Leonor era um exemplo dos caprichos do destino. Nascera pobre, e a mesma desgraça que a tornou orphã ainda no berço, fazia-a no futuro herdeira de grandes riquezas.

Pode-se agora imaginar quanto a marquezia soffreria, vendo que, de dia para dia, a doença de sua madrinha se tornava mais perigosa, e fazia perder as esperanças de a salvar.

Entregue toda á dôr que a opprimia, tentava esquecer até o seu amor. Julgava na sua consciencia um crime lembrar-se d'elle quando tão grande desgraça a ameaçava. Mas ás vezes, quando alta noite, junto do leito da condessa, os seus olhos se queriam fitar nos da doente só viam a imagem de Henrique; quando toda entregue á sua tristeza pensava que a vida se lhe acabaria com a d'aquella que tanto lhe queria, as lembranças do futuro risosinho que lhe promettia o amor vinham perturbal-a e distrahil-a. Envergonhava-se então de si, por não saber esquecer aquellas recordações felizes para só se entregar á immensa tristeza que lhe enluctava a alma. Julgava até mesmo puro o seu amor por Henrique. E enganava-se. Ambas aquellas afeições eram santas; cada uma porém tinha o seu modo de ser que the era proprio e que a distinguia da outra. Do seu amor de filha, perdido pela morte d'aquella que lhe era quasi mãe, havia de consolar-se pelo amor de Henrique; se porém perdesse o d'este nada lhe poderia ser consolação. Por isso na alma lhe luctavam os dois sentimentos, e já um levava ao outro a palma. E' por que um era o passado e o outro o futuro; e é proprio do coração humano esquecer afeições passadas por novas afeições. Será isto um vicio da nossa organização moral, ou antes uma harmonia d'ella, que faz com que os differentes sentimentos se succedam nas quadras que lhes são proprias?...

A doença caminhava sempre. Quatro dias se ti-

nham passado depois dos medicos pronunciarem a sentença que tira a toda a esperança. Quatro dias de profundas anciedades e de martyrios sem conto. Leonor não tinha abandonado a cabeceira da doente; com os seus olhos fitos nos d'ella receava a cada instante ver apagar-se n'elles a luz da vida; attenta ao mais leve movimento, tremia a cada respiração mais alta, e sentia-a como se fosse a ultima. Era um martyrio cruel. Finalmente ao quinto dia, a condessa, depois de ter pedido, e recebido resignada os sacramentos, expirou nos braços de Leonor, dando-lhe pela ultima vez o terno nome de filha.

O pranto seccou-se nos olhos de Leonor para se lhe concentrar todo no coração. Com a cabeça pendida sobre o peito, a sua pallidez assustava. A voz ficava-lhe presa na garganta, e parecia ter-se sumido com as lagrimas; nem mais um ai soltou. O seu silencio infundia respeito. Era a dôr em toda a sua magestade. Dôr profunda e immensa que a prostrou n'um extasi em que a vida parecia tel-a abandonado.

Por algumas horas se conservou n'este estado sem que ninguem se atrevesse a interrompê-la. Uma carta que lhe era dirigida veio finalmente quebrar o encanto. Ao ler o subscripto uma estranha expressão lhe animou o rosto; tinha conhecido a letra: era de Henrique. Abriu-a e leu.

«Ha na vida resoluções cruéis que uma causa superior aconselha, e a que é forçoso obedecer. Ante ellas a vontade é inefficaz e a resistencia inutil; cumprem-se como um destino. É a fatalidade que as impõe; obedece-se-lhe.

«Leonor, pela ultima vez em que lhe vou fallar de mim, conceda que me recorde ainda do seu amor terno e compassivo. E' essa recordação tudo quanto me resta d'elle, e na hora solemne em que lhe fallo, permitta que lh'o agradeça e que a abençoe por ter feito brilhar a meus olhos a luz divina, cujos reflexos serão no futuro a saudade, unica consolação que posso esperar. Mas perdão; não tenho animo para pensar no dia de amanhã que já pertence ás trevas, quero gosar ainda do dia de hoje, d'este instante ao menos, em que a illusão, que em breve vai desfazer-se, permite ainda que as lembranças meigas e risonhas do tempo passado, venham doirar-me a existencia que vejo pouco a pouco perder-se n'um abysmo de tristeza.

«Que fatal destino, Leonor, a fez condoer da minha sorte?... Vendo-lhe nos labios o sorriso da esperança, ouvindo-lhe a voz meiga e sentida fallando de amor, julguei que fôra Deus que se houvera condoído dos meus pesares, enviando-me, por um anjo seu, a ventura divina. Enganei-me. Foi uma illusão, mas quiz-lhe tanto que todo a ella me entreguei, sem ver, sem mais nada querer. E a illusão, em vez de se desvanecer, fortificava. O seu amor parecia abençoal-a!...

«Oh! mas a que veem agora taes devaneos?!... Recordar venturas passadas, commemorar esperanças perdidas, dizem que é augmentar o soffrimento. Não o julgo assim; creio antes ser uma consolação. Mas a essa mesmo devo renunciar. Tenho medo de que taes lembranças, levando-me o coração para as regiões infinitas do amor, lhe roubem o animo de que necessita para levar ao fim o sacrificio. Conheço que preciso de toda a serenidade do espirito para apreciar sem engano a minha situação, e para julgar com a razão inexoravel e desapaixonada os obstaculos que se oppõem ao nosso amor e que forçosamente hão de ser a morte d'elle.

«E' este o meu dever, heide cumpril-o.

«O nosso amor foi um desvario. Cega allucinação de almas candidas e apaixonadas, havia de acabar. Os nossos corações encontraram-se na vida ideal do sentimento, e julgaram-se eguaes na dedicação e no affecto, sem se lembrarem que no mundo os separavam as conveniencias dos interesses e os dictames da vaidade. Esquecemos o que nos não esquecia — a sociedade; e a sua voz veio fulminar-me no meio do prazer fazendo-me onvir o seu julgamento. Devia-o esperar se não estivesse illudido pela ventura. Falso como é, aquelle julgamento tem comtudo por si muitos exemplos que o justificam. E para eu não ser victima d'elle, era necessario admittir uma excepção, que raras vezes a sociedade concede, e muito menos quando é honrosa.

« Um esquecimento foi todo o nosso erro; não temos culpa d'elle. Esqueceu-se, Leonor, que no mundo onde vive é admirada entre as primeiras pela nobreza e pela fortuna. Eu não me lembrei do meu nome obscuro, e tive até orgulho da unica herança que me coubera em sorte—a do trabalho. Depois pensava que aos olhos de todos a illustração do talento valeria a nobreza do sangue; do mais não cuidei. Amando-a com sinceridade, podia acaso ter vista para medir a fortuna que nos separava? . . . »

« Não, de certo. Seria baixar os olhos para a terra, e o seu amor trazia-m'os enlevados no ceo. Nunca pensei em tal. Um dia porém rasgou-se o veo, que me encobria a verdade. A voz d'um amigo, felicitando-me pelas minhas intenções, cuspiu-me na face o insulto, tornando-se ecco das opiniões do mundo. »

« Conheci então as nossas reciprocas situações. A felicidade morreu para mim n'aquelle instante. Momentos depois estava ao seu lado, era n'um baile; a sua voz caridosa sempre indagava a causa da minha tristeza; ia a dizer-lh'a, mas, como se a adivinhasse, a mão que eu beijei reconhecido impoz-me silencio. Em seguida tentou animar-me. « Com tanta fé no nosso amor quem nos hade perder! » Foram estas as suas palavras. Na volta do baile, repetia-as ainda e tentava ter esperança, mas a desgraça era imminente. O espectro que me ameaçava, e que a sua voz tinha por momentos afugentado, reaparecia a meus olhos. Via-o distinctamente: o vulto saía da sombra, desenhava-se-lhe a figura, delineavam-se-lhe as feições, o gesto era imperioso e implacavel, nos olhos ardia-lhe a colera, nos labios tinha o sorriso da ironia. Era a imagem da sociedade, que vinha lançar-se entre nós. Ouvi-lhe distincta a voz. Fallava do nosso amor. E sabe o que dizia? . . . »

« Eram de falsa compaixão as suas palavras. Lamentava a donzella que ia ser victima dos calculos d'um ambicioso, lamentava a sua sorte, Leonor. »

« E teria razão? »

« N'esta epoca de costumes e vida corrupta em que a ambição não escolhe meios para se elevar, a todos é permitido terem aquella duvida; mas a minha consciencia desmente a accusação perante Deus, e repelle a duvida como um insulto. O seu coração faz-me de certo justiça, e perante elle não necessito de defesa; para os outros, porém, nunca saberia defender-me nem merecer desculpa. »

« Desde o instante em que as nossas reciprocas situações fizeram nascer aquella duvida, o nosso amor tornou-se impossivel. E não me accuse, Leonor, de sacrificar ás opiniões do mundo a sua opinião e a felicidade do nosso futuro. Não julgue uma covardia este meu proceder. Passado o primeira instante de allucinação, a nobre dignidade do seu caracter hade reconhecer que era o unico possivel. »

« Não ignoro que a sua generosidade era capaz de esquecer tudo para vencer os obstaculos que nos separam. Mas diga-me, poderia eu acceitar um tal sacrificio? E se o acceitasse, o que aconteceria? . . . A duvida em todos de que o meu amor tivesse sido um calculo; a certeza e a condemnação de muitos ficariam de pé, e viriam confundir-me com esses homens que fazem do amor um calculo e do casamento um degrau ás suas ambições. Já vê que o sacrificio era impossivel, sem a minha humilhação. Não é orgulho este meu pensar; é resultado das minhas opiniões, que bem conhece, e ás quaes devo talvez o amor que me dedicou. Não deve querer agora que as desminta. Cumpro um dever que ellas me impõem, e estou certo que é um dever de honra e de consciencia. »

« A sua alma, Leonor, forte na ventura sel-o-ha tambem na desgraça que a vae ferir por algum tempo. Este amor será na sua vida como a flor que viveu um dia; mas a lembrança d'elle ficará a recordar-lh'o no futuro, tal como eu o concebi, desinteressado e sincero. Esta lembrança hade absolver-me então dos soffrimentos que lhe vou causar; hade apreciar-a em mais do que a felicidade obtida a troco da humilhação que talvez até extinguisse o amor. E quando o coração, esquecendo desgostos passados, se lhe entregue á felicidade que merece, e que de certo hade encontrar, a memoria do

homem que n'este sacrificio lhe dá a maior prova do muito amor que lhe tinha, não o ficará detodo esquecida. Peço-lhe então uma lagrima de compaixão. »

« Essa lagrima será a minha justificação, e a prova de que era digno do amor que lhe mereci. »  
Continua. HENRIQUE.

#### Scenas do deserto.

O ABRIGO DO MEIODIA — O CAFÉ.

Quem atravessa o deserto dirigindo-se do Cairo para as fronteiras da Syria, encontra já no circulo d'esta a aldéa de Khan-Yonnes. Para chegar a esta passa-se por Gaza, e ahi é que está situado o *café lateral*, que é o ponto mais certo onde as caravanas podem encontrar os guardas da quarentena fumando o seu cachimbo, e divertindo-se com os trabalhadores. »

Antes de chegar a esta estação descansa-se no chamado *abrigo do meiodia*, que é como se vê da nossa primeira gravura. Ahi está um dos moços da caravana passando á sombra d'aquelle alpendre o sol do meiodia. Descansado junto d'elle está o camello, seu socio de viagem por aquellas inhospitas regiões, e o unico animal que a mão de Deus ali lançou, creado parece que de proposito para supportar as fadigas d'aquelle longo deserto. »

#### Obituario.

— Finou-se em Londres, quasi que subitamente, a duqueza de Orleans, na sua residencia de Richemont. Tão moça ainda foi reunir-se, n'outra vida que não linda, ao duque seu esposo, morto d'uma terrivel catastrophe. Esta infeliz familia, desde que perdeu o throno, quasi que não tem contado os annos do exilio senão por luctos. Chamava-se Helena Luiza Elisabeth, e nasceu em 24 de Janeiro de 1814. Era filha de Frederico Luiz, grã-duque hereditario de Mecklenburgo-Schwerin, e de Carolina Luiza, filha de Carlos Augusto, grã-duque de Saxe-Weimar. Em 30 de Maio de 1837 casara com o duque de Orleans, que morreu em 13 de Julho de 1842. Ficaram d'este consorcio dois filhos, o conde de Paris, que nasceu em 24 d'Agosto de 1838, e o duque de Chartres, que nasceu em 9 de Novembro de 1840. »

— Rodrigo da Fonseca Magalhães, par do reino, e conselheiro d'estado effectivo, falleceu em Lisboa. Distincto pelo seu saber, era um dos maiores estadistas de Portugal, e foi repetidas ve-

zes ministro d'estado. Sinceramente liberal, emigrou, e fez parte da divisão expedicionaria do Mindello. Achando-se proximo da morte recebeu de el-rei a mercê do titulo de conde do Geraz de Lima, para seu filho e herdeiro — honra que declinou, escrevendo a el-rei no leito de dór, para lhe rogar como suprema mercê que permittisse que seu filho usasse unicamente dos seus appellidos paternos. Acompanhou-o ao tumulo um prestito de mil pessoas, de todas as hierarchias e classes, que a pé, e com tochas, pagaram assim aos seus restos mortaes o testemunho de consideração que lhes merecera o grande homem. »

— Falleceu sobre parto a senhora marquezada de Ribeira Grande. Era filha do ex.<sup>mo</sup> duque de Lafões. É segundo golpe que dentro de tres annos fere o coração do marquez seu esposo. Casado em segundas nupcias com a finada, ficara viuvo da primeira esposa, irmã d'esta cuja morte memoramos hoje, e que tambem foi arrebatada aos carinhos da sua familia por um ataque de colera que lhe sobreveiu sobre parto. »

#### Casa de campo da grã-duqueza Estephania de Baden, em Nice.

Na formosa cidade de Nice, que faz parte dos estados sardos, é que a flor da aristocracia europea vae passar os bellos dias de verão, e mesmo alguns rigorosos mezes do inverno. »

Juntam-se n'esse magnifico sitio os principes da arte e os das finanças, os da philosophia e os de sangue. »

Assim encontram-se ali Mayerbeer e Rothschild; Renault e a grã-duqueza Helena. »

Quem não vae tomar banhos, vae procurar a atmosphaera tepida e balsamica que é como eterna n'essa abençoada plaga. »

As paisagens acham-se embelezadas pelas mais graciosas construcções; edificios que não são palacios, e apresentam superficies e esculpturas marmoreas; que não são castellos, e tem dependencias como elles. »

A nossa estampa apresenta o modelo: é a agradável casa de campo que ahi possui, em delicioso sitio, e que actualmente habita a grã-duqueza Estephania de Baden. »

Se o direito das gentes vier um dia a ter unicamente por base a moral, e a justiça, as enormes massas de homens armados desaparecerão como excrescencias inuteis; as industrias terão mais braços, e os povos menos oppressores. »

Querer conhecer o que é Deus, é requintada vaidade: negar sua existencia, é culpavel cegueira. »



Casamentos por conveniencia.